

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

Gustavo Nazario*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p163-193

Resumo: O populismo é um dos conceitos com maior grau de compartilhamento, não apenas na academia brasileira, como também na cultura política nacional. Reconhecendo seu uso amplo, que sai da retórica acadêmica para uma retórica política, o populismo é frequentemente aplicado nos meios de comunicação de massa e no senso comum da população, trazendo para si significados diversos e muitas vezes contraditórios. Observando seu uso durante um período de grandes transformações políticas no país, através de dois jornais de São Paulo nos anos 1980 - *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo* - constata-se que o populismo se torna uma arma de combate. Em momentos de disputa no ambiente político brasileiro dos anos 1980 como em eleições, em implementações de planos econômicos ou em grandes manifestações, os representantes da grande imprensa paulista usam o populismo para atacar e desqualificar pautas contrárias às suas. Dessa maneira, compreender a forma pela qual esses jornais usam o populismo durante esse período é lançar luz não só sobre sua aplicação, mas, também, sobre os muitos significados que o conceito assume.

Palavras-chave: Ditadura, Imprensa, Populismo, Redemocratização

* Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Aluno de Iniciação Científica, sob orientação da Prof^o. Dr^o. Marcos Napolitano. Agradeço à FAPESP pelo fomento ao projeto que serviu de base a este artigo, ao meu orientador pelo suporte e direcionamento, aos meus familiares e amigos pelo apoio incondicional e à universidade pública, gratuita e de qualidade. E-mail: gustavonazario.hist@gmail.com

1. Populismo, a trajetória de um conceito

Populismo e populista são termos usados no ambiente acadêmico e fora dele. Aplicados no debate público brasileiro, sejam nas palavras de um político ou nas páginas de um jornal, os termos são polissêmicos e têm variados usos, desde conceito explicativo para uma determinada forma de se governar até como arma de combate político. Apesar do seu uso corrente, o significado de populismo é turvo e levanta debates na academia brasileira desde a segunda metade do século passado.

Em relação ao seu uso, uma coisa é certa, ser associado ao populismo por adversários na política ou pela imprensa é estar sendo taxado negativamente. Apesar disso, o termo assume uma forma elástica, prestando-se a múltiplos usos como aponta Maria Helena Capelato (2013). Ao analisar a definição do dicionário Aurélio, por exemplo, Capelato constata a definição de populismo como “simpatia pelo povo”, e populista como “amigo do povo”. Já na *Wikipédia*, populismo seria “uma forma de governar na qual o governante utiliza vários recursos para obter apoio popular, ou como um modo de exercício do poder que se caracteriza pelo contato direto com as massas urbanas.” Populista, seria o “líder carismático que estabelece vínculo emocional como o povo.” (CAPELATO, 2013, p.58).

Apesar desses significados, a carga associada a esses termos mudou ao longo do tempo. Jorge Ferreira (2017), ao pesquisar em jornais nacionais do início do século XX a utilização dos termos populismo e populista, percebeu uma viragem no seu significado. Os termos, explica o historiador, eram usados de forma positiva, por exemplo, o líder chamado de populista era alguém próximo do povo, que ouvia seus problemas e os resolvia.

Com o passar dos anos a carga positiva desses termos foi substituída por uma

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

negativa que se reflete até os dias atuais. Essa mudança de carga ganhou força na primeira metade do século XX, quando lideranças, carismáticas e populares, associadas ao populismo, chegaram ao poder derrotando elites políticas tradicionais. O mal-estar gerado pela derrota levou esses setores tradicionais da política a desmoralizarem qualquer tentativa de aproximação entre o líder e a massa, demonizando os ditos populistas deste período e dando ao termo essa carga negativa que chega ao tempo presente (FERREIRA, 2017).

A negatividade em torno do termo populismo influenciou não só os estudos iniciados nos anos 1950 sobre o esse fenômeno político, mas também a leitura liberal do populismo. Os liberais caracterizam-no como fruto de um discurso vazio, cheio de propostas demagógicas que enganam o povo e usam do carisma e do Estado em benefício próprio, ou seja, a visão liberal corrobora a ideia de manipulação, e, não só isso, enxerga qualquer tipo de aproximação entre líder e massa como sendo demagógica, na qual o líder imporia um “Estado que, armado de eficientes mecanismos repressivos e persuasivos, seria capaz de manipular, cooptar e corromper.” (FERREIRA, 2017, p.62).

A longa trajetória dos estudos sobre o populismo no meio acadêmico brasileiro inicia-se nos anos 1950 por meio de um grupo de intelectuais intitulados Grupo de Itatiaia. Financiados pelo Ministério da Agricultura para estudar os problemas políticos do país, teriam identificado o populismo como um dos causadores. A teoria sobre o populismo desenvolvida por esses intelectuais, como aponta Gomes (FERREIRA, 2017, p.22), baseia-se na teoria da modernização, na qual trabalhadores do campo dirigiam-se aos centros urbanos sem consciência política, sendo assim facilmente cooptados por políticos carismáticos que conseguiam mobilizá-los e usá-los a seu favor.

O conceito ganha mais espaço com o golpe civil-militar de 1964, sendo usado

como parte da explicação para a incapacidade da classe trabalhadora organizada - movimento operário e sindicatos - de resistir ao golpe. Nesse contexto, dois sociólogos destacam-se: Francisco Weffort que publicaria, ao longo dos anos 1960 e 1970, inúmeros artigos sobre o fenômeno do populismo, reunidos mais tarde no livro *O populismo na política brasileira* (1978); e Otavio Ianni, autor do livro *O colapso do populismo no Brasil* (1971), que também usa o populismo como parte da explicação para a incapacidade de reação da classe trabalhadora contra o golpe civil-militar. Os conceitos desenvolvidos pelos dois pesquisadores têm suas particularidades, mas aproximam-se ao manterem a ideia de que existia, na relação entre líder e massa, a manipulação que galvanizaria e instrumentalizaria o povo, funcionando como chave da repressão e satisfação com pequenos benefícios econômicos ou políticos cedidos.

Contudo, na virada dos anos 1970 para os anos 1980, há uma contestação do conceito populismo, principalmente, em relação à ideia de manipulação. Influenciada pelos trabalhos sobre a classe operária na Inglaterra de E. P. Thompson, Angela de Castro Gomes, não satisfeita com a capacidade explicativa do populismo, propõe uma nova interpretação sobre a política dos anos 1930 até o golpe de 1964 por meio do conceito trabalhismo, que é apresentado em sua obra *A invenção do trabalhismo* (1988). Angela combate a ideia de manipulação, defendendo que a relação entre Estado e classe trabalhadora é marcada por uma desigualdade de poderes, na qual os trabalhadores envolvidos nessa relação não seriam passivos ou manipulados. A relação entre Estado e classe trabalhadora seria regida por um “pacto trabalhista”, existindo uma tensão entre esses dois grupos, cada um buscando os benefícios possíveis de tal encontro (GOMES, 1988). Dessa forma, Gomes lançou luz em direção ao movimento dos trabalhadores, permitindo que uma leva de novos estudos fosse desenvolvida sobre o assunto sem as amarras impostas pela ideia de manipulação ligada ao conceito de populismo.

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

Sendo assim, a partir dessa breve passagem sobre os estudos feitos acerca do populismo no Brasil, observamos que não há um consenso sobre ele, o que demonstra sua complexidade e o problema de se usar um conceito que abarca inúmeras definições. Mesmo com o avanço gerado pela análise de Angela de Castro Gomes, observamos que termos como “populismo” e “populista” ainda são aplicados exaustivamente em variadas situações cotidianas, principalmente, relacionadas ao embate político.

Seja em discursos políticos ou em matérias jornalísticas, o populismo é corrente na cultura política brasileira. Buscando compreender como é feito esse amplo uso, discutiremos neste texto como os jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* aplicam o populismo nas suas páginas durante os anos 1980.

Para realizar tal estudo, foram usados os chamados “acervos digitais”, que ganham espaço em relação aos grandes arquivos físicos públicos e privados. Tais acervos digitais, muitas vezes próprios dos jornais e disponíveis em suas plataformas *online*, estão cada vez mais modernos, facilitando o acesso aos exemplares digitalizados e a ferramentas de busca que permitem selecionar datas e, até mesmo, menções a determinadas palavras. Dessa forma, um trabalho que antes exigiria um deslocamento até o arquivo, cuidados para entrar em contato com os jornais arquivados e a não possibilidade de levá-los para casa para um estudo mais detalhado e cômodo, hoje pode ser feito por meio de alguns poucos cliques, sem sair de casa. Os impeditivos viriam através da necessidade do acesso à internet e da cobrança de um valor, que alguns jornais fazem, para ter acesso ao acervo digitalizado.

Valendo-se dessa nova tecnologia, usando o mecanismo de busca por menções, procuramos as palavras “populismo” e “populista” para mapear e entender como esses representantes da grande imprensa paulista usam esses termos em situações de

grande tensão no debate político. Devido ao volume de menções aos dois termos, optamos por amostras qualitativas, apoiando-se em momentos importantes do período estudado. Tal escolha foi realizada considerando que os anos 1980, na história brasileira, foram marcados por grandes mudanças, contando com o processo de redemocratização, a volta de eleições diretas para determinados cargos políticos, a implementação de planos econômicos e uma nova Constituição, além de vários movimentos civis que surgiam, usamos esse momento de aumento na complexidade e tensão política do país para lançar luz à forma como a *FSP*¹ e *OESP* fazem uso do populismo em suas páginas.

2. A grande imprensa paulista: *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*

O uso da imprensa como objeto central a ser pesquisado por historiadores brasileiros tem seu início nos anos 1970, como aponta Tânia Regina de Luca (2005). Trabalhos de Arnaldo Contier, Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, fazendo uso do jornal impresso como objeto da pesquisa histórica, desenvolveram metodologias de estudo viabilizando uma compreensão aprofundada desse meio de comunicação ao buscarem as matrizes ideológicas por trás de suas páginas e entender o papel dos periódicos em relação à sociedade.

Neste contexto, Prado e Capelato (1980, p.19) afirmam que a imprensa é

[...] um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político social na qual se insere.

Tal definição nos mostra a complexidade da imprensa, o que nos leva a procurar

¹ Devido às repetições dos nomes, usaremos as seguintes siglas para nos referir aos jornais aqui analisados: *FSP* – Folha de São Paulo e *OESP* – O Estado de São Paulo.

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

entender de modo mais detalhado as entranhas dos jornais. A primeira característica para tal entendimento seria a função da imprensa em relação à sociedade. Ao refletir sobre esse ponto, Capelato (2013) recupera a definição da imprensa como 4º poder, responsável por vigiar os outros três poderes do Estado. Isso faria da imprensa uma importante garantidora de uma das bases da democracia liberal que é o acesso à informação. Atualmente, esse poder teria aumentado pois as mídias teriam se transformado em verdadeiras indústrias da informação, dotadas de poder econômico e político, potencializando a sua capacidade de “conquistar corações e mentes”.

Reconhecendo o caráter empresarial que não só a imprensa, mas as mídias como um todo passaram a ter, enxergamos uma duplicidade em sua composição, coexistindo uma face pública e outra privada. Tais empresas atuam como instituições públicas, devido a sua responsabilidade fundamental estar relacionada com a “opinião pública”, tendo o papel de expressá-la e formá-la. Contudo, também se constituem como empresas privadas, afinal produzem conteúdo almejando a sustentação da empresa, ou seja, o lucro (CAPELATO, 1988).

Essas características podem ser observadas tanto na *FSP*, quanto no *OESP*, mesmo que os periódicos tenham histórias bem distintas. O *OESP* é fundado no século XIX e pertence, desde então, à mesma família. Por sua longevidade e pelo fato de estar nas mãos do mesmo grupo desde sua gênese, o jornal ganha determinada respeitabilidade, porém seu posicionamento torna-se engessado, impedindo-o de realizar inovações como as que foram feitas pela *FSP* (CAPELATO, 2003, p.40).

A *FSP* foi fundada em 1921 por um grupo que saiu do *OESP*. Sua história é composta por quatro etapas, nas quais muda suas características editoriais e de dono algumas vezes (CAPELATO, 2003). Ao contrário do *OESP*, a *FSP* procura atingir camadas sociais médias, já o *OESP* é criado pela elite para a elite, um jornal para as “classes bem

pensantes do país, que se julgavam responsáveis pela educação do povo brasileiro.” (CAPELATO, 2003, p.38).

Sendo assim, o *OESP* é um jornal que desde sua fundação exerce grande influência na sociedade paulista e, também, brasileira devido à proeminência política do estado. Contando com aporte financeiro da família Mesquita, proprietária do jornal, o *OESP* chegou a dar apoio editorial à pequena *FSP*, que se torna uma concorrente à altura em relação à disseminação de ideias e como empresa privada, a partir dos anos 1970, com o chamado “Projeto Folha” (CAPELATO, 2003, p. 41).

A importância que a *FSP* e *OESP* assumem como divulgadores de opinião e empresas privadas faz com que ambos possam ser caracterizados como parte da “grande imprensa”, principalmente, devido à sua “circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.” (MARTINS; LUCA, 2015, p.149). Por essas características, tornam-se atores com grande poder sobre a sociedade, corroborando a tese de Capelato e Prado (1980), de que não veiculam apenas informações e sim interagem e influenciam a sociedade intervindo e manipulando interesses, com poderes muito próximos aos de partidos políticos como defende Francisco Weffort (1984).

Francisco Fonseca (2005) aprofunda o debate sobre a imprensa ao estudá-la nos anos 1980 e 1990. O autor constata que há uma adoção e tentativa de disseminação da chamada “Agenda Ultraliberal” por jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Observando o comportamento dos mesmos, Fonseca traça o perfil ideológico de cada um, apontando que a *FSP* se caracteriza por uma “volatilidade ideológica”, sem qualquer rigidez doutrinária, procurando estar próximo das tendências ideológicas e culturais do seu leitor. Apesar de não ter um posicionamento ideológico rígido, tem como horizonte a ideologia liberal, defendendo

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

a liberdade de expressão, de manifestação, defesa da propriedade, da iniciativa privada e da liberdade individual. Logo, a *FSP* mantém-se próxima dos setores médios da sociedade, sobretudo da sua parcela progressista, foco do chamado “Projeto Folha”.

Já *OESP* estaria pautado pelo liberalismo e pelo conservadorismo, características atestadas também por Prado e Capelato (1980) no seu estudo sobre o jornal nos anos 1930. Por meio de uma linha editorial doutrinária, o jornal defende o progresso econômico por intermédio da iniciativa privada, além de defender a manutenção da ordem e da hierarquia social, o que no Brasil seria “a proeminência do empresariado (sobretudo de origem rural), da classe média profissional-liberal como base social e dos militares como garantia de estabilidade republicana.” (NAPOLITANO, 2017, p.349). Tais características apresentadas por Fonseca servem para nós como base para o entendimento da ideologia que está por trás dos jornais e o reflexo disso na aplicação do conceito de populismo em suas páginas.

Dessa forma, é através da ação dos jornais que o historiador pode reconhecer a sua ideologia, que a todo momento tenta legitimar-se dizendo que defende a *vox populi*, mas, às escondidas, busca “mascarar seus interesses privados, fazendo-os universais.” (CAPELATO; PRADO, 1980, p.19). Para compreender como os jornais *FSP* e *OESP* usam os termos populismo e populista, focaremos em alguns casos nos quais os jornais atuam no debate político, emitindo opiniões e defendendo pautas, fazendo o uso instrumental do populismo em suas páginas.

3. O populismo nas páginas

Em abril de 1964 temos, no Brasil, o golpe civil-militar que levou o país a 21 anos de ditadura. Esse movimento seria uma resposta de setores médios da sociedade,

empresários, políticos e militares ao que eles acreditavam ser uma ameaça comunista e populista que atingia o país. Porém, essa não é a tese que a historiografia defende ao debater os motivos do golpe².

Os estudos históricos, em sua maioria, enxergam a chamada ameaça comunista como sendo uma fagulha acendida pela imprensa, no contexto da Guerra Fria e do anticomunismo, com o intuito de catalisar a opinião pública contra o governo de João Goulart e suas propostas reformistas. Junto da ameaça comunista, a imprensa usou, para alimentar o discurso antigovernista, o populismo que estaria personificado em João Goulart, herdeiro político de Getúlio Vargas. Dessa forma, como indica Maria Helena Capelato, esse movimento resultou na “vitória do complô civil-militar [...] contra o populismo, desta vez identificado com o comunismo.” (2013, p.57).

Depois de 14 anos sob o regime militar brasileiro, inicia-se, no governo do General Ernesto Geisel, o processo de abertura política. A abertura do regime acentua-se conforme diversos e amplos movimentos populares, como as greves no ABC, passam a tensionar o governo, permitindo que, segundo Marcos Napolitano (2017, p.297), entre 1979 e 1980 tenhamos três momentos cruciais para a distensão da ditadura: a Lei da Anistia, a reforma partidária e a volta das eleições para governadores.

Por meio dessas medidas, políticos presos, cassados ou exilados puderam voltar à vida política, concorrendo a determinados cargos no governo e, até mesmo, fundando novos partidos. Políticos como Leonel Brizola e Jânio Quadros retornaram à vida política, trazendo consigo reações dos jornais, que chamaram de “a volta dos populistas”.

² Sobre o golpe de 1964 ver: (FERREIRA; GOMES, 2014, p.333), (NAPOLITANO, 2017, p.43) e (REIS, 2014, p.21).

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

Nos dois jornais, *FSP* e *OESP*, colunistas abordaram a possibilidade de os políticos identificados como populistas voltarem a assumir cargos relevantes no país. Antes mesmo da Lei da Anistia entrar em vigor, o colunista da *FSP*, Luiz Alberto Bahia, ressalta uma “presença do passado no futuro” e em tom de aviso aos leitores diz:

[...] vamos todos ter de lidar com figuras carismáticas do passado que naturalmente virão à tona com o alvorecer democrático. Mais precisamente com Jânio Quadros e Leonel Brizola. [...] o ressurgimento do populismo em sua manifestação menos desejável – o populismo carismático. (FOLHA, 1978, nº 67.78, p.2)

Ao contrário de Luiz Bahia, Fernando Pedreira, colunista d'*OESP*, defende que Jânio e Brizola, ao retornarem à política, não encontrarão o mesmo contexto de antes. Pedreira indica que durante a ditadura houve uma “modificação que poderíamos chamar de técnica” (ESTADO, 1979, nº 32052, p.2), na qual os cargos públicos foram despoliticizados e assumidos por funcionários “técnicos” não subordinados aos políticos caracterizados como populistas.

Apesar da confiança de Fernando Pedreira nas modificações “técnicas” feitas pela ditadura, na primeira eleição direta para governador, Leonel Brizola sai vitorioso no Rio de Janeiro em 1982. Alguns anos depois, em 1985, Jânio Quadros é eleito prefeito de São Paulo, rendendo uma manchete no *OESP* com o título *O velho populismo de volta às ruas* (ESTADO, 1985, nº 33873, p.1), que anuncia a ideia do retorno do populismo, mas com outra “moldura” (ESTADO, 1985, nº 33873, p.9). Ou seja, dois políticos de grande expressão, relacionados pelos jornais ao populismo, vencem para dois cargos importantes, demonstrando a força que ainda possuíam após anos afastados da vida política.

Podemos observar que Brizola e Quadros são associados a um passado populista, além disso, são caracterizados da mesma forma, sem distinção, sendo chamados de populistas carismáticos e demagogos. Para além da carga negativa que é

Epígrafe, São Paulo, v. 10, n. 1, pp. 163-193, 2021

associada a esses termos, não é feita uma maior caracterização do que seria esse populismo, o que permite colocar dois políticos de linhas ideológicas opostas, Jânio ligado à direita e difusor de uma política moralizante e Brizola ligado ao trabalhismo e à esquerda, sob a mesma definição: populistas.

Em 1985, na busca de uma explicação para a vitória de Quadros, *OESP* não justifica sua vitória por meio populismo e sim pela má administração feita por Franco Montoro no governo do estado. Apesar disso, lamenta a vitória dizendo que “o estado de São Paulo talvez volte a viver o clima de um infeliz populismo que já se imaginava ultrapassado. A culpa não é do povo [...]” (ESTADO, 1985, nº33963, p.3).

Ainda lamentando a vitória de Jânio, *OESP* faz coro com a ideia de que a democracia liberal ainda tem chances de vencer em São Paulo por meio da “humildade diante da sabedoria popular”, apesar de não ter saído vitoriosa nesse momento. Porém, dias depois do editorial publicado sobre a vitória Jânio, o jornal parece mudar de opinião em relação à “sabedoria popular” escancarando seu conservadorismo a respeito da escolha do eleitor paulistano. O editorial inicia da seguinte forma, abordando a questão da educação:

O resultado do pleito para a prefeitura paulistana, consagrando o populismo, força à análise desse fenômeno político, que não se observa onde o eleitorado se compõe de parcelas da população nas quais a instrução e a cultura realizaram um trabalho profícuo de educação e esclarecimento. (ESTADO, 1985, nº 33965, p.3, grifos nosso)

Num segundo momento, aborda a classe econômica:

Desde que surja um candidato para identificar as causas das tensões que submetem o povo, nos segmentos de renda mais baixa da sociedade, interpretando corretamente as frustrações e os sofrimentos que lá se acentuam, o populismo tende a vingar, nas condições de temperatura e pressão descritas. (ESTADO, 1985, nº 33965, p.3, grifos nosso)

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

Abertamente, *OESP* defende a ideia de que povo seria manipulado e orientado por um líder populista devido a sua falta de escolaridade e, também, pela capacidade do líder de identificar determinadas reivindicações deles. Contradizendo-se em dois editoriais diferentes, observamos o compilado de uma visão conservadora sobre a sociedade que procura justificar, por meio do populismo, a vitória de Jânio Quadros como sendo culpa de uma sociedade manipulável. O jornal assume que a suposta falta de educação do povo, que no caso são os “mais simples” e de “renda mais baixa”, é responsável por fazer com que seja levado pelos *slogans* que os encantariam e fariam com que caíssem sob o líder carismático populista, ou seja, corroborando a ideia liberal e conservadora de manipulação de uma massa, chamada de ignorante, por um líder carismático.

A *FSP* não comunga dessa ideia ao avaliar a vitória de Jânio. O editorial sobre a vitória recebe o título de *A volta do populismo* (FOLHA, 1985, nº 93.26, p.2) e reflete sobre os motivos que levaram Jânio à vitória e as suas consequências. O jornal faz um longo comentário sobre o populismo no Brasil, colocando Getúlio Vargas, Adhemar de Barros, Jânio Quadros e Leonel Brizola como sendo representantes de tal “estilo”. Nele, salienta que a eleição de Jânio demonstraria que “não está terminada a era deste gênero de políticos”, quem perde com esta vitória são as “lideranças políticas compromissadas com partidos representativos e com programas definidos, libertos do caminho fácil da demagogia e do histrionismo [...]” e também o que o jornal chamou de “processo de avanço democrático” que teria sido atrasado com tal vitória.

Ao descrever o populismo como anacrônico e ligado a determinadas lideranças políticas, o jornal o coloca como o modo que a população encontrou de demonstrar “sua impaciência, sua contrariedade, sua descrença diante das alternativas que se

vinham postas”. Em outras palavras, apesar de criticar o retorno de políticos “populistas”, o jornal não contesta o voto popular, ao contrário do que é feito pelo *OESP*.

O caso de Jânio Quadros nos mostra a influência liberal sobre as críticas aos ditos políticos populistas e as particularidades de cada jornal. Como vimos, *OESP* por meio de seu posicionamento doutrinário e conservador, justificou a eleição de Jânio Quadros como sendo fruto da ignorância das massas que foram manipuladas pelo populismo. Avaliando de forma diferente, a *FSP* entendeu a eleição de Jânio como um descontentamento do povo, mas não deixou de manifestar seu desagravo à vitória do populismo que poderia afetar a retomada democrática do país. Neste caso, a ponderação da *FSP* e o desagrado do *OESP* se distinguem, deixando vir à tona as diferenças ideológicas dos jornais que refletem no uso do populismo.

Outro caso interessante de um político associado ao populismo é o de Leonel Brizola. Nas páginas da *FSP* e do *OESP*, Brizola é o político mais relacionado ao populismo. Além disso, também é associado a outros termos como: “varguismo”, “caudilho”, “socialismo moreno” e “trabalhismo”. Como vimos, Brizola é um dos políticos que retornaram ao país e à vida política após a Anistia e a reforma partidária, fazendo com que a partir de 1979 fosse acompanhado e criticado pelos periódicos.

Os articulistas Fernando Pedreira (*OESP*) e Luiz Alberto Bahia (*FSP*) criticam Brizola dias após seu retorno ao país. Bahia faz uma correlação direta entre ele e Vargas, criticando a forma como ele voltou ao país: “Brizola volta mal. Volta de cartatamento na mão, tentando ressuscitar o populismo autoritário [...], retorna com a imagem política de Vargas.” (FOLHA, 1979, nº 70.64, p.2). Pedreira também o associa a Vargas, afirmando que Brizola é oriundo da linha “populista getuliana” (ESTADO, 1979, nº 32052, p.2). Dessa forma, é possível observar algo que se manterá até 1989, que é a associação de Leonel Brizola a Getúlio Vargas.

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

Essa associação não é feita somente com a intenção de relacionar a figura de políticos com propostas possivelmente próximas e sim atacar Brizola por meio da figura de Getúlio Vargas e de seu “populismo”. Vale ressaltar que a associação de Brizola ao “getulismo” é muito mais potente e repetitiva no *OESP*, ao contrário do que acontece na *FSP*, na qual as referências são feitas em poucas situações. Podemos observar aqui e no caso de Jânio Quadros outra situação interessante no uso do populismo, que é associá-lo a experiências passadas caracterizadas como populistas, dessa forma, o populismo é usado como um fenômeno do passado, que retorna insistentemente ao palco político.

Para além da associação e proximidade histórica que Brizola e Vargas têm, uma das razões para isso acontecer pode estar relacionada à própria história do *OESP*. O jornal paulista e outros jornais liberais, ao se colocarem contra Vargas durante o Estado Novo, foram “praticamente silenciados e tiveram que aceitar em suas redações elementos do governo para vigiá-los.” (CAPELATO, 2009, p.87). E não só isso, como relata Maria Helena Capelato (2009), *OESP* foi expropriado pelo Estado devido ao fato de seus donos terem reagido à censura, o que causará após a retomada do jornal pela família Mesquita, uma grande ojeriza contra a figura de Getúlio Vargas. A partir desse exemplo, podemos observar que os jornais, em vários momentos, se valem de experiências do passado para atacar situações do presente.

Outro ponto a se destacar, das aproximações feitas entre Leonel Brizola e Getúlio Vargas, é a associação de populismo a autoritarismo. A *FSP*, em editorial, coloca lado a lado o autoritarismo e o populismo, além de, em suas páginas, caracterizar algumas ações políticas e políticos como fruto dessa relação. Ao analisar a retomada do direito ao voto para o cargo de governador, o jornal indica que a democracia brasileira, com seus avanços e recuos, reflete “variações pendulares entre o populismo e o

autoritarismo, quase sempre fenômenos registrados no plano do poder executivo.” (FOLHA, 1979, nº 69.65, p.2).

OESP também estabelece essa correlação em diversas situações, principalmente, ao referir-se a Getúlio Vargas, como vemos neste editorial que define Leonel Brizola como herdeiro do “populismo autoritário nacionalista e estatizante que se implantou no Brasil a partir de 1930 com Getúlio Vargas.” (ESTADO, 1986, nº 34240, p.2).

A tese do movimento pendular comentada pela *FSP* é explicada como sendo uma mácula da história brasileira, que leva o país ao populismo e depois ao autoritarismo. Essa tese argumenta que a história brasileira no século XX foi marcada pela sucessão de trocas entre autoritarismo e populismo, sendo um exemplo dela a passagem da República de 46 para o período do regime militar. Já *OESP* associa práticas autoritárias recorrentemente a Getúlio Vargas, mas também a figuras que chama de carismáticas e personalistas como Jânio Quadros. Significa dizer que o jornal vê qualquer prática personalista, característica do populismo, como sendo também uma característica do próprio autoritarismo, e usa disso para criticar determinados políticos que aparentam algum personalismo, associando-os ao populismo e ao autoritarismo sem qualquer distinção, mesmo que políticos com características diferentes sejam associados aos mesmos termos.

Ao observarmos os casos de Jânio Quadros e Leonel Brizola, vemos um uso político e indiscriminado do populismo. Como uma arma para o confronto político, os termos usados pelos jornais são colocados de forma generalista, misturando políticos de matrizes ideológicas opostas sob a mesma definição. Esse populismo é lido como um resquício do passado, que insiste em retornar, seja por herdeiros políticos ou por atualizações em suas características, mas que basicamente é usado como sinônimo de ações demagógicas, manipuladoras e personalistas.

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

Porém, a associação feita pelos jornais não fica estrita a políticos. Os anos 1980 são marcados por acontecimentos importantes como as *Diretas Já*, os sucessivos planos econômicos para conter o surto inflacionário e, também, a Constituinte. Sendo situações de grande tensão no debate público, observamos os usos que a *FSP* e *OESP* fazem do populismo nesses casos.

As *Diretas Já*, iniciadas em março de 1983, foram um movimento suprapartidário que defendia a volta das eleições diretas para a presidência da República. Partindo do ato do deputado federal Dante de Oliveira (PMDB³), que apresentou uma emenda constitucional ao Congresso, propondo o fim do Colégio Eleitoral e o retorno das eleições diretas para presidente e vice-presidente na próxima eleição em 1985, o movimento transpassou as paredes do Congresso Nacional. Chegando na sociedade, culminou numa série de comícios, nos primeiros meses de 1984, que mobilizaram milhões de brasileiros por eleições diretas.

A imprensa, junto de outros meios de comunicação, cobriu as manifestações e opinou sobre o andamento da campanha. *OESP*, segundo Fonseca (2011), teve uma relação cautelosa em relação às *Diretas*, enveredando por verdadeiros ziguezagues argumentativos, adotando posições paradoxais ao longo de tal processo. A *FSP* pelo contrário, destacou-se “por ter endossado o projeto antes que as lideranças de oposição começassem a articular o movimento.” (PILAGALLO, 2012, p.230).

Ao buscar, entre os anos 1983 e 1984, como os jornais usavam os termos “populismo” e “populista” em relação às *Diretas Já*, observamos uma situação interessante. O jornal *OESP*, em seus comentários sobre o movimento, não associou os protestos e comícios políticos com o populismo. O que chamou nossa atenção foi um

³ Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

editorial publicado na *FSP* sobre as manifestações que ocorreram em Belo Horizonte em 24 de fevereiro de 1984.

Este editorial merece destaque, pois foi o único que encontramos que correlacionava as *Diretas Já* com o populismo. Porém, ele destaca-se mais ainda por tentar diferenciar a manifestação do dia 24 dos grandes comícios que ocorriam no que ele chama de “período populista”. O editorial da *FSP* fala em um “salto de qualidade” ao referir-se às manifestações pelas *Diretas*. Esse salto de qualidade seria em relação aos grandes comícios de “Getúlio Vargas, Ademar de Barros, Leonel Brizola, Jânio Quadros e outras poucas figuras carismáticas que arrastaram multidões no Rio de Janeiro, São Paulo e mais meia dúzia, se tanto, de capitais estaduais.” (FOLHA, 1984, nº 86.93, p.2).

Na campanha pelas *Diretas*, ao contrário do que acontecia nesses comícios, segundo o jornal, destaca-se o “alto grau de organização e consciência política.”. Por essas características, as *Diretas* seriam diferentes dos comícios, pois estes partiam dos líderes populistas que cooptavam as pessoas convocadas. Outra diferença viria da amplitude da campanha, que se espalhou pelo país todo, ao invés de ficarem ligadas a líderes regionais.

Dessa forma, observamos a influência do apoio que a *FSP* deu às *Diretas Já*, pois preocupa-se em defender o que vinha acontecendo. Nesse caso, a defesa do movimento perpassava por sua diferenciação em relação aos “comícios populistas”, que seriam marcados por dirigismo e demagogia dos líderes. O jornal tenta demonstrar que era um movimento da sociedade, consciente politicamente sem qualquer dependência de lideranças políticas, ou seja, tenta dissociar das manifestações a ideia de que eram protestos cooptados e dirigidos. Em vista disso, ao aprovar a reivindicação feita pelos manifestantes, o jornal preocupa-se em diferenciar a campanha pelas *Diretas* de qualquer prática veiculada ao populismo, comprovando a ideia de que tal

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

categoria é usada como ferramenta de ataque no embate político, carregada de significados negativos e, também, símbolo de um passado político renegado pelo jornal, que deslegitima não só políticos, mas, também, manifestações populares.

Após a campanha pelas *Diretas*, temos mais um capítulo do complexo anos 1980 no Brasil. Durante o governo Sarney, em fevereiro de 1986, foi implantado no país o Plano Cruzado. A reforma monetária substituía o antigo cruzeiro pelo cruzado, que tinha três zeros a menos que a velha moeda. Como medidas desse plano, foi estabelecido o congelamento de preços, tarifas e serviços, além do salário, que foi estabelecido por meio da média do poder de compra dos últimos seis meses. Sarney ganhou grande popularidade aumentando a possibilidade de consumo da população, junto do fenômeno “fiscal do Sarney”, em que pessoas com tabelas de preço fiscalizam os comércios buscando mercadorias com preços fora do tabelado.

A principal diferença na aplicação dos termos feita pelos jornais se dará a que ou a quem eles associam o populismo. Na *FSP*, as principais críticas serão à figura do presidente José Sarney, associando-o ao populismo por tentar se popularizar por medidas de governo. Ao comentar as ações do governo sobre a Previdência Social, o editorial critica o presidente por estar atrás de uma “popularidade fácil e ampliando benefícios na velha tradição do populismo” (FOLHA, 1987, nº 97.37, p.2) ao dizer que o governo teria recursos disponíveis para manter determinados benefícios ligados à Previdência. A ação do Sarney, que buscou ampliar benefícios relacionados à Previdência, é lida pelo jornal como sendo uma ação populista, na qual estaria usando benefícios sociais para angariar apoio da população ferindo a responsabilidade fiscal demandada pelo Plano.

Na leitura do jornal, a ação do presidente em manter benefícios sociais seria uma tentativa populista de aumentar sua popularidade, o que ameaçaria a estabilidade do

Plano ao aumentar os gastos públicos. Dessa forma, como aponta Fonseca (2005), o periódico aceitou as teses heterodoxas do Plano, como tabelamento e congelamento de preços, porém manteve-se sempre atento “ao equilíbrio entre *estabilidade e crescimento econômico*. Em outras palavras, vetou insistentemente o recurso à recessão como forma de estabilidade.” (FONSECA, 2005, p.164).

Com um comportamento diferente, *OESP* assume, num primeiro momento, um “apoio crítico” em relação ao presidente Sarney e ao Plano Cruzado. Em seus editoriais, defende a ortodoxia econômica, pregando austeridade a todo custo, como vemos neste trecho em que apresenta duas opções para o governo: “uma, de austeridade e retomada do desenvolvimento se e quando possível, outra, de alegado cunho social, inflacionária e populista.” (ESTADO, 1984, nº 33467, p.3).

Em outro editorial o jornal retorna a defender a austeridade econômica e critica a ideia de se adotar um populismo que “acaba ao fim e a cabo, favorecendo a inflação, mediante emissões que podem granjear popularidade durante algum tempo – curto aliás.” (ESTADO, 1985, nº 33776, p.3). Aqui, podemos observar o chamado “apoio crítico”, ou seja, “imediate e contínua realização de críticas, inicialmente muito comedidas e sempre ressaltadas como ‘construtivas’.” (FONSECA, 2011, p.317).

Porém, já mostrava discordâncias em relação ao Plano e à figura de Sarney, criticando antecipadamente possíveis medidas sociais que beneficiaram classes menos privilegiadas. Ao enxergar benefícios sociais como um perigo em relação às medidas econômicas ortodoxas que defendia, *OESP* associa essas ações ao populismo, que se torna sinônimo de um Estado com grandes gastos usados por um líder demagogo para angariar apoio.

Contudo, o apoio veio ao fim. Para Fonseca (2005, p.182-183), ao propor a

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

fiscalização dos preços congelados por populares e a utilização das forças armadas para confisco do gado, Sarney estava atacando a liberdade da iniciativa privada e a propriedade privada, indo contra a defesa do liberalismo que *OESP* sempre bradou. Podemos observar nesse momento de grande tensão um uso extensivo de termos relacionados ao populismo, passando a considerá-lo responsável pela falha do Plano Cruzado.

Em um editorial denominado *Militância liberal em 1987*, o jornal tece duras críticas ao governo dizendo que:

Ninguém negará que o ano de 1986 consagrou o estilo de governo do qual o País se havia desacostumado desde 1964: o populismo. Voltado para a realização da dita *opção pelos pobres*, à qual o presidente José Sarney parece dedicar toda sua atenção, o Executivo não hesitou em adotar providências que, despertando o entusiasmo e a esperança, abriram perspectivas inusitadas para os menos favorecidos pela fortuna. [...]. A lição do desencontro entre a vontade e a realidade não mudou o espírito – os alemães diriam *Geist* – com que se governa o Brasil e se pretende impor de cima para baixo reformas profundas, sem atentar para a economia de mercado e sem respeitar a lei. (ESTADO, 1987, nº 34308, p.3)

Vemos neste trecho que o populismo praticado por José Sarney se torna o grande responsável pelo insucesso das medidas governamentais. Ao escolher “os pobres” por meio do populismo, Sarney haveria deixado de lado pautas liberais como a economia de mercado, fazendo com que o jornal deixasse vir à tona sua defesa da hierarquia social junto, também, de sua intransigente defesa da austeridade e ortodoxia econômica que são contrárias às medidas de cunho social por parte do Estado.

Dessa forma, o populismo é usado como uma forma de criticar ações que mantenham ou estimulam gastos sociais feitos pelo Estado, gastos estes que seriam responsáveis por atrapalhar o funcionamento do Plano Cruzado. As escolhas econômicas de Sarney, que seria o grande responsável pelo fracasso do Plano, viriam

de um populismo que não deixou acontecer a melhoria na economia, segundo as diretrizes defendidas pelos jornais. Ou seja, ao não adotar ou adotar parcialmente a austeridade e o controle de gastos, as ações econômicas do governo são colocadas como populistas, pois estariam sendo feitas para “os pobres” numa tentativa de angariar apoio.

Tal situação acontecerá novamente na Constituinte, na qual os periódicos associam medidas sociais e estatizantes a um populismo demagógico praticado pelo governo e por políticos com o intuito de defender a economia liberal.

A Assembleia Nacional Constituinte foi iniciada no dia 1º de fevereiro de 1987, na qual, unidos unicamente, os membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, desenvolveram a nova Constituição brasileira. A Constituinte, convocada em meio ao processo de transição democrática do país e superação da ditadura, era composta por 559 constituintes, e fazia parte de um compromisso assumido pelas forças políticas que chegaram ao poder em 1985. Em 5 de outubro de 1988, após intensos debates, conflitos, impasses e negociações, foi promulgada, em sessão solene, a sétima Constituição do Brasil.

Segundo Carlos Fico (2016) para críticos da Carta de 1988, a Constituição se tornou muito extensa e detalhista, por buscar atender inúmeras demandas sociais que vieram à tona após o regime militar. Mesmo assim, muitos avanços importantes tornaram-se norma constitucional, como: extensão de voto aos analfabetos, diminuição da carga horária de trabalho, criação do abono de férias, do seguro desemprego, da licença-paternidade e aumento da licença-maternidade, além de retomar direitos retirados pela ditadura militar como *habeas corpus*, proibição da censura, garantia de liberdade de expressão e outros. Sendo assim, direitos fundamentais voltaram a ser garantidos pela Constituição, porém, antes de ser

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

promulgada, o debate acerca do que deveria estar na Carta foi disputado, tendo a participação da imprensa que opinava sobre as ações dos constituintes.

A *FSP*, em um editorial com o título *O preço dos benefícios*, irá criticar os constituintes por não levarem em conta que mais benefícios trariam um custo à sociedade:

De fato, a ideia de que há sempre um preço a ser pago pela sociedade quando se criam determinados benefícios não parece encontrar a necessária reflexão no Congresso constituinte. Num país, como o Brasil, onde o Estado surge tradicionalmente como o grande provedor, o semideus que dissemina benesses ou as sonega, sem que se revelem as fontes e implicações reais de suas medidas, constitui, no mínimo, uma mistificação de seus custos sociais. (FOLHA, 1988, nº10.161, p.2).

Fica evidente que a *FSP* não coloca sobre a sociedade a culpa de possíveis problemas que o país viria a ter com mais direitos garantidos pela Constituição, essa culpa seria dos políticos e do Estado, que não refletem sobre tal situação, sendo essa atitude fruto “do populismo e da demagogia [que] poderia provocar desastres práticos” na sociedade.

Isso significa dizer que, vemos aqui um exemplo da *tese da perversidade*, no qual o jornal afirma que mais direitos trazem mais custos para a sociedade e problemas para a economia. De novo, ao fazer uma crítica liberal às ações que demandam maior participação do Estado na sociedade e na economia, o jornal associa essas práticas ao populismo e à demagogia.

OESP vai na mesma linha da *FSP*, porém com um linguajar beligerante e muitos mais incisivo em relação aos direitos sociais. O jornal afirma em editorial que “[...] as medidas ‘sociais’ aprovadas [...] surtirão efeito bastante maléfico, pernicioso, antes de tudo, para a classe operária. [...] o populismo é enganador.” (ESTADO, 1988, nº 34665, p.3), ou seja, o argumento oscila entre a *tese da perversidade* e a “enganadora” boa

intenção do populismo.

Neste caso o *OESP* usa o populismo como sendo o responsável por ludibriar a classe trabalhadora por meio da demagogia, usando da Constituição para garantir direitos aos trabalhadores e conseqüentemente conseguir o seu apoio em troca. Além disso, defende pautas liberalizantes em relação às medidas sociais, como a Previdência Social, afirmando que mais direitos podem causar mais problemas econômicos, como desemprego e não melhora da economia do país. Sendo assim, o jornal faz um uso instrumental e político do populismo para defender suas pautas em relação à Constituinte e atacar seus adversários.

Dessa forma, é possível observar como a *tese da perversidade* perpassa pelos argumentos dos jornais aqui estudados. Criticando novos direitos, colocando-os como responsáveis por possíveis crises que poderiam acontecer por causa de tais ganhos, os dois jornais apresentam esse problema para o leitor, porém responsabilizam os constituintes por praticarem populismo e sobrecarregar a nova Constituição com direitos sociais. Sendo assim, é possível afirmar que os debates em torno dos “direitos sociais” catalisaram a imprensa liberal aqui estudada a usarem o populismo como responsável por mais um problema político e não só isso, como uma ferramenta que permite diferenciar suas propostas das de seus adversários.

4. Populistas são os Outros

Vistos os casos aqui analisados, tornou-se possível propor certas conclusões. A primeira delas é a de que o uso geral do populismo pela *FSP* e pelo *OESP* não se propõe a discutir e analisar fenômenos políticos, sociais ou econômicos com profundidade. O uso do populismo feito pelos jornais é um uso político do termo, aplicando-o como uma arma de combate, estigmatizando adversários em todos os casos, pois é aplicado,

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

ao longo de todo o tempo e nos casos aqui analisados, como algo negativo.

Arma de luta manejada entre adversários políticos, o conceito é esvaziado em relação aos estudos dos anos 1950 e 1960 aqui apresentados. Essa forma de usar o populismo, faz com que ele se torne uma categoria elástica e polissêmica, que define Jânio Quadros e Leonel Brizola ao mesmo tempo, que serve para caracterizar medidas econômicas, manifestações populares e processos políticos, todos eles como populismo. Porém, uma categoria explicativa para definir tudo traz grandes problemas.

Como aponta Jorge Ferreira (2017), esse tipo de uso faz com que peculiaridades sejam desconhecidas e historicidades anuladas. Ignora tradições políticas brasileiras, como o trabalhismo petebista e o liberalismo udenista, dissolvendo-as e confundindo-as sob um mesmo rótulo: populismo.

De forma geral, a *FSP* e *OESP* fazem um uso instrumental e polissêmico do populismo em suas páginas. Aplicado, constata-se que o uso do populismo se dividiu em três situações: econômica, política e social. Na área econômica (Plano Cruzado e Constituinte), o populismo é associado a dirigentes e medidas governamentais que buscam maior participação do Estado na economia, mais direitos sociais e que, por meio dessas ações geram, segundo os jornais, falta de responsabilidade fiscal e a não adoção de medidas de austeridade na economia.

Em diferentes situações, ambos jornais defenderam pautas liberalizantes usando o populismo como sinônimo de todas as medidas contrárias a elas. As características associadas aos termos fazem referências a um passado em que líderes populistas eram responsáveis por ações de Estado, usando-o como provedor de investimentos na economia, além de implementações de direitos sociais. E aqui, podemos observar um uso político do passado, já que a maioria dessas referências são

associadas à figura de Getúlio Vargas e suas experiências ao ocupar o topo do poder político brasileiro.

Valendo-se de Getúlio Vargas, a *FSP* e, em maior grau e repetições, *OESP*, transformam Getúlio no sinônimo de todas as experiências negativas que devem ser esquecidas. Ele, ou melhor dizendo, seu “populismo getulista” ou “getulismo”, é identificado como um antimodelo para a política dos novos tempos. Por isso, vemos referências à volta dos populistas, ou à presença do passado no presente. Getúlio, na leitura dos jornais sobre a sua história política, é demagogo, manipulador e representante de políticas estatistas. A partir dessas características, os jornais colocam não só medidas econômicas, mas também estilos políticos sob a forma de práticas varguistas que aglutinadas tornam-se um populismo cheio de remendos.

Em relação à política, os jornais criticam políticos por meio da ideia de demagogia e de manipulação e dessa forma, qualquer medida popular ou social defendida ou adotada por um político é associada ao populismo. Leonel Brizola e Jânio Quadros, políticos antagônicos historicamente, são associados ao populismo sem quaisquer distinções. Já em relação ao social, as críticas seriam direcionadas à mobilização da sociedade pelos políticos. A interlocução direta sem mediações de partidos ou outras instituições, entre políticos e a sociedade, é vista como uma relação de manipulação. E essa associação é poderosa, tanto que a *FSP* dedica um editorial para diferenciar as *Diretas Já* dos grandes comícios do passado, que seriam, segundo o jornal, cooptados por líderes populistas.

Em específico, o uso do populismo varia em função da ideologia e pautas defendidas pelos jornais. Destacamos alguns casos como o da vitória de Jânio Quadros nas eleições para prefeitura de São Paulo em 1985 e as manifestações das *Diretas Já*, em que os jornais se posicionam de formas diferentes, o que os levam a fazer usos

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

diferentes do populismo. Dessa forma, o populismo é manipulado em função das ações do jornal, seguindo suas linhas ideológicas, tornando-se uma categoria conivente ao uso quando necessário.

Dessa forma, é inegável a amplitude que populismo tem na cultura política brasileira, mesmo que tenha problemas por essa popularidade, já que ao ser usado como uma categoria explicativa que abarca muitas coisas, não consegue dar conta das especificidades de cada caso. Sendo usado na imprensa, em embates políticos e na academia, o conceito ou a arma de embate é poderosa e estigmatizadora. Porém, vale a pena uma síntese: quem seriam os populistas? O que seria o populismo? Para os jornais aqui estudados, políticos e uma forma de política a ser negada e combatida, porém depende do lugar político em que o personagem que acusa se encontra. Em síntese, com excelentes palavras, Jorge Ferreira responde essas perguntas:

Para conservadores, populismo é o passado político brasileiro, são políticas públicas que garantam os direitos sociais do trabalhadores, são modelos de economia e de sociedade que, na Europa Ocidental, ficaram conhecidos como *Estado de Bem-Estar Social*; outros, talvez, diriam que populismo é aquele que, diante dos pobres, diz que ser rico é chato. O populista, portanto, é o adversário, o concorrente, o desafeto. O populista é o Outro. Trata-se de uma questão eminentemente política e, muito possivelmente, político partidária, que poderia ser enunciada da seguinte maneira: o *meu* candidato, o *meu* partido, a *minha* proposta política não são populistas, mas o *teu* candidato, o *teu* partido e a *tua* proposta política, estes, sim, são populistas. Populista é sempre o Outro, nunca o Mesmo. (FERREIRA, 2017, p.124).

Fontes

Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://acervo.folha.com.br/index.do>>.

Jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 de novembro de 1978, Nº 67.78

Jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 03 de junho de 1979, Nº 69.65

Jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 10 de setembro de 1979, Nº 70.64

Epígrafe, São Paulo, v. 10, n. 1, pp. 163-193, 2021

Jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 de fevereiro de 1984, Nº 86.93

Jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19 de novembro de 1985, Nº 93.26

Jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 04 de janeiro de 1987, Nº 97.37

Jornal *Folha de São Paulo*. São Paulo, 03 de março de 1988, Nº 10.161

O Estado de São Paulo. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br>>.

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 09 de setembro de 1979, Nº 32052

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 10 de abril de 1984, Nº 33467

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 13 de abril de 1985, Nº 34308

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 04 de agosto de 1985, Nº 33873

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17 de novembro de 1985, Nº 33963

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20 de novembro de 1985, Nº 33965

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 12 de outubro de 1986, Nº 34240

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 01 de janeiro de 1987, Nº 34308

Jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 01 de março de 1979, Nº 34665

Referências Bibliográficas

BENEVIDES, Maria Victoria de M. O governo Jânio Quadros. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

_____. O PTB e o trabalhismo: partido e sindicato em São Paulo (1945-1964). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. O Bravo Matutino. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

_____. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____. Estado e oposição no Brasil (1964 – 1984). Petrópolis, Vozes, 1984.

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

_____; *et al.* Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S. Paulo e o jornalismo contemporâneo. São Paulo: Publifolha, 2003.

_____. Mídia e Populismo/Populismo e Mídia. In: Revista Contracampo, v.28, n.3, dez-mar, ano 2013. Niteroi: Cantracampo, 2013. p. 52-72.

_____. Multidões em cena: propagando política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CODATO, Adriano Nervo. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. Revista de Sociologia Política. 2005, n.25, p. 83-106.

_____. O golpe de 1964 e o regime de 1968: aspectos conjunturais e variáveis históricas. História Questões e Debates. Curitiba, v. 40, p. 7-30, 2004.

FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (Org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____; DELGADO, Lucília de A. Neves (Orgs.). O Brasil republicano, 4: o tempo da ditadura. Ditadura militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado (Orgs.). O Brasil Republicano, 5: O tempo da Nova República – Da transição democrática a crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____; GOMES, Angela de Castro. 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FICO, Carlos. Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997.

_____. História do Brasil Contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Contexto, 2016.

FONSECA, Francisco. O Consenso Forjado: A grande imprensa e a formação da Agenda Ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. Liberalismo autoritário: discurso liberal e a práxis autoritária na imprensa brasileira. São Paulo: Hucitec, 2011.

GASPARI, Elio. 5. A Ditadura Acabada. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo. São Paulo: Vértice, 1988.

_____. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória do conceito. In: FERREIRA, Jorge (Org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

IANNI, Octavio. O Colapso do Populismo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. O Brasil autoritário revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, Alfred (Org.). Democratizando o Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 83-134.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. História da Folha de São Paulo: 1921-1981. São Paulo: Imprensa, 1981.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Introdução à história dos partidos políticos brasileiros. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Ditadura militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto. 2017.

_____. A imprensa e a construção da memória da ditadura militar brasileiro (1965-1985). Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 346-366, maio-ago. 2017.

OLIVEIRA, Fabrício Augusto de. O Plano Cruzado: balanço e perspectivas. In Lua Nova, vol. 3, n. 3. São Paulo, março de 1987.

PILAGALLO, Oscar. História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro a Dilma. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e democracia no Brasil. Do golpe de 1964 a Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Quem são os populistas? O uso do populismo como arma política na grande imprensa paulista durante os anos 80

WEFFORT, Francisco Corrêa. O Populismo na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. Jornais são partidos? In Revista Lua Nova, vol.1, nº 2, jul/set 1984.